

FALO® é uma publicação bimestral. novembro 2023. ISSN 2675-018X

versão 20.11.23

edição, redação e design: Filipe Chagas corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme Correa e Rigle Guimarães. site: Pedro Muraki

capa: Espelho azul, bordado e guipir sobre brim de Tolentino Ferraz, 2023.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



COLAB55

COMPRE AQUI

Sumário

77

Tolentino Ferraz	8
Fábio Bellini	20
FALO DE HISTÓRIA Hans von Marées	32
FALO em FOCO Tempero da Carne	44
FALÓFORO	52
FALORRAGIA O falo em coleções privadas	56
CONTOS DO FALO A casa dele	68
CRÔNICA FÁLICA Calcinha	70
Adão Iturrusgarai Marlon Thor	72
FALO com VOCÊ	74

moNUmento

O que vem pela frente, eu não sei. Só sei que você tem em mãos mais uma edição feita com muito esmero, trazendo artistas brasileiros interessantes com projetos incríveis que precisam ser conhecidos e reconhecidos. Além das colunas, seções e charges autorais que vocês já conhecem, a Falo foi buscar uma resposta à la Globo Repórter: Quem são os colecionadores de Arte fálica? Onde vivem? O que comem? Em forma de entrevista, a matéria ficou reveladora.

Lembrando que essa edição é a **Blue Edition**, ou seja, aquela que muda de vermelho para azul em novembro para o Mês de Conscientização do Diagnóstico Precoce e do Combate ao Câncer de Próstata, pois os homens negligenciam demais a própria saúde física e mental. Você está cuidando de você?

Sem modéstia, digo que se você está lendo a Falo, você já está se preocupando em adquirir conhecimento e refletir sobre si mesmo dentro desta sociedade maluca. Portanto, já é um cuidado. Mas dê o próximo passo. Faça seus exames médicos anuais, exercite-se, converse com pessoas que te deixem confortável para ser vulnerável e abordar assuntos mais profundos.

Está na hora da gente sair do casulo.

Filipe Chagas criador e editor







exposição das capas

21 out > 25 nov 2023

φ

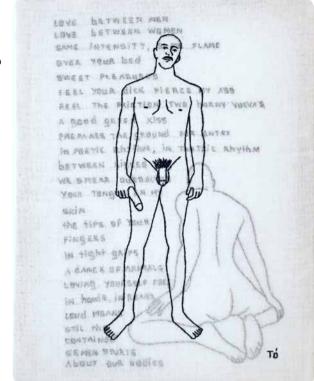


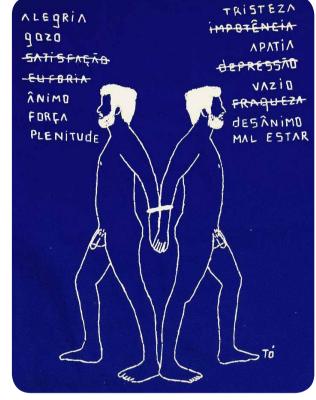




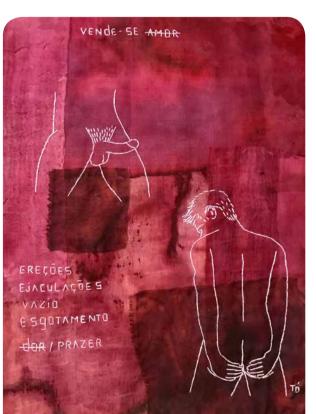
AMOR AFETO EARINHO fendo desejo, bordado sobre brim, 2023.

No teatro, encontrou espaço para vivenciar experiências, descobrir potências criativas e refletir a partir de trocas sobre corpo e sexualidade. Com a literatura, conseguiu entender quem é e quem ainda pode ser. Mas, foi o bordado – iniciado em 2015 -, como gesto cotidiano e artístico, que se tornou a linha que costura todas as memórias e produções que tem feito ao longo dos últimos anos.





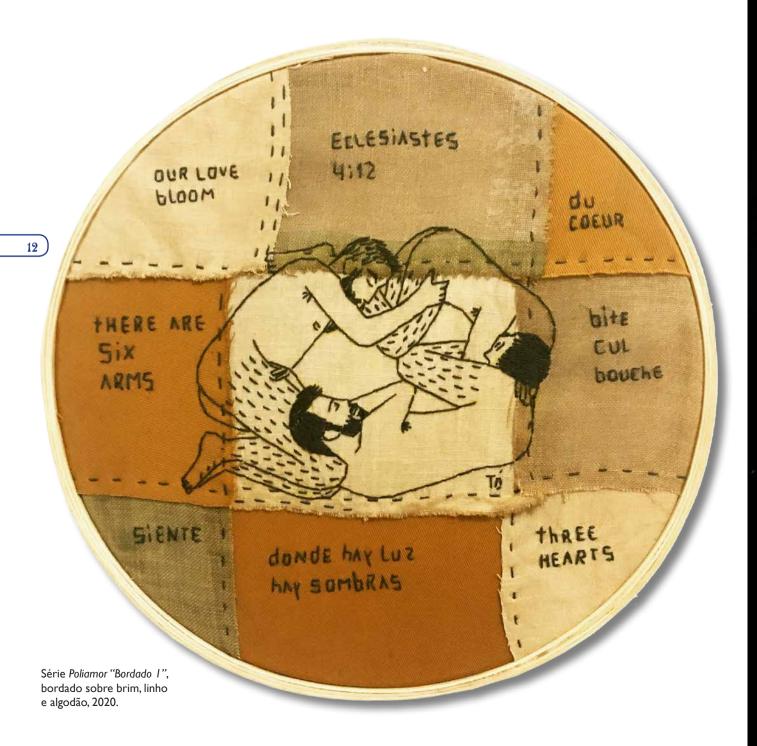


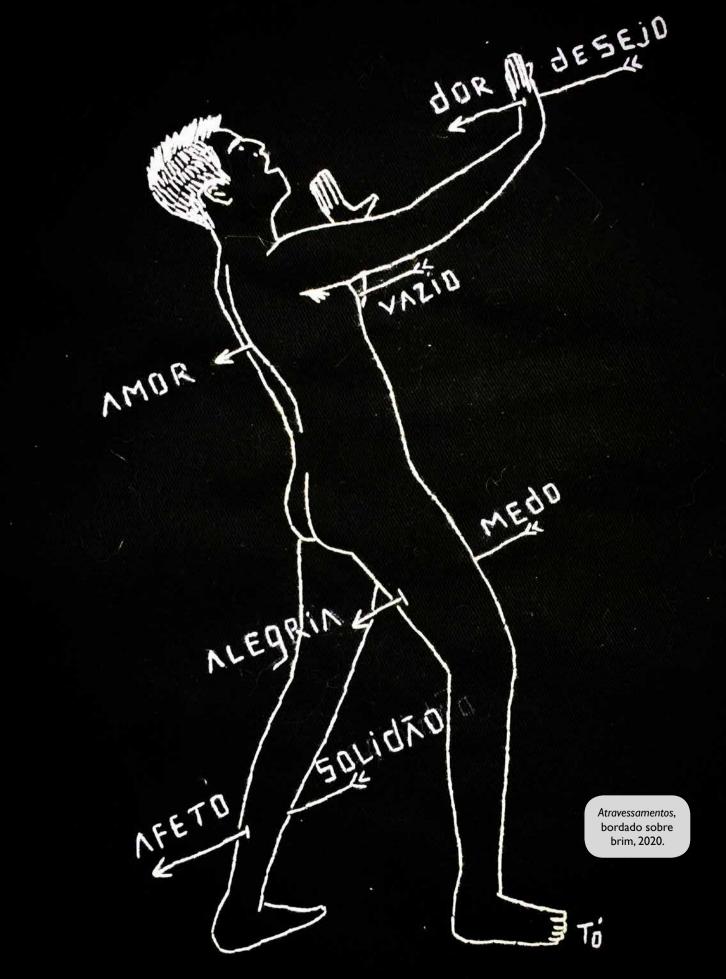


.. supposed on controsmos COMEÇOU POR ACASO, EU E ELE, quando nossos ochos se CRUZARAM ... NÃO dISSEMOS WANDA, PORQUE ERAM NOSEOS CORPOS QUE CONVERSAVAM ... E COMO ELES SE ENTENDIAM, ERAM MÃOS RÁPIDAS, BEIJOS MOLHA DOS ENQUANTO DESABOTO-AVA AS CALÇAS ... NAG HAVIA AMOR. APENAS desejo QUE NOS DOMINAVA ... COMO ANI MAIS SELVAGENS SEM QUALQUER CULPA DU medo de que acquém NOS E DEPOIS DE GOZAR, PARTIR SEM AD MENOS SABER O NOME, MAS CERTOS do Encontros no bosque, bordado e renda sobre brim, 2019.

Tendo como referência o artesanato mineiro, as bordadeiras do Jequitinhonha e a arte do Bispo do Rosário (1909-1989), começou a produzir – quase diariamente no período pandêmico –, postando nas redes sociais e interagindo com o público. Foi entrando em contato com artistas que, assim como ele, acreditam no poder da Arte e do Afeto como um posicionamento estético diante da vida.

O afeto na estética norteia todo meu fazer artístico.





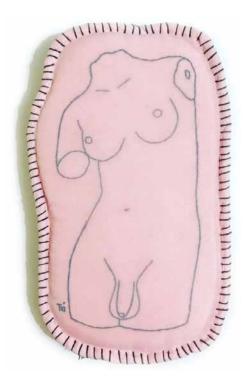
17/

Tolentino diz que ser um homem gay cis o despertou para a identidade de gênero e a sexualidade queer, onde o indivíduo transita por inúmeras possibilidades de troca de afeto, mas foi a obra de Leonilson (1957-1993) que o levou a abordar a temática em seu trabalho.

Busco trazer pro meu trabalho esse afeto que identifiquei no Leonilson, que transformava a arte em algo pessoal, íntimo, um coração nos olhos das pessoas.







Ao lado, Em meu peito habita o eterno, bordado sobre brim, 2022. Acima, Torso Homem Trans e Torso Mulher Trans,

bordados sobre brim, voil e espuma, 2023.

Sua inspiração sempre ativa, não censura ideias: deixa o impulso vir e, para organizar mentalmente suas ideias, planeja sua execução, os materiais, cores e suportes ("bordo geralmente em tecido, mas me aventuro em madeira, papel, fotografia, coador de café, chapéus... quero o novo sempre!). O primeiro ato prático é o desenho. São os esboços em papel que vão determinando o desenvolvimento do trabalho.

A figura masculina é sua pulsão sexual e criativa ("nela que me reconheço"), portanto, a sexualidade está presente na maioria da sua produção, onde o desejo se mostra sem medo, reivindicando seu lugar e sua força. Seja em corpos diversos de modelos, amigos, conhecidos e parceiros sexuais ou na própria imagem ("como falo de mim mesmo, é natural que eu apareça"), Tolentino mostra todo corpo de uma forma delicada, poética e também contundente.









Série Cuecas, bordado sobre renda e elastano, 2021. Modelo: Lucas Neves.



O artista sabe que o homem nu ainda é um tabu, ainda causa muita polêmica. Ele reconhece a importância do papel do artista na naturalização dos corpos em todas as suas cores, formas e etnias ("o corpo deve ser exaltado") para contornar a onda conservadora atual. Por isso, além de seus bordados – que podem ser vistos em exposições pelo Brasil – Tolentino se aventurou no cinema (curta A gaivota, de 2021, disponível no YouTube, que adapta uma peça de Tchekov), lançou seu primeiro livro (o diário poético Ovo-Enigma, pela Editora Ases, que transita por questões amorosas/sexuais, reflexões sobre o cotidiano e espiritualidade), está escrevendo um romance e brada:

> Devemos criar livremente para que as pessoas conheçam e percam o preconceito. Procuremos outros artistas que atuam na mesma linha para trocar experiências. Não podemos desanimar! Unidos somos mais fortes!

A união faz sim a força. #tamujuntu. 8=D



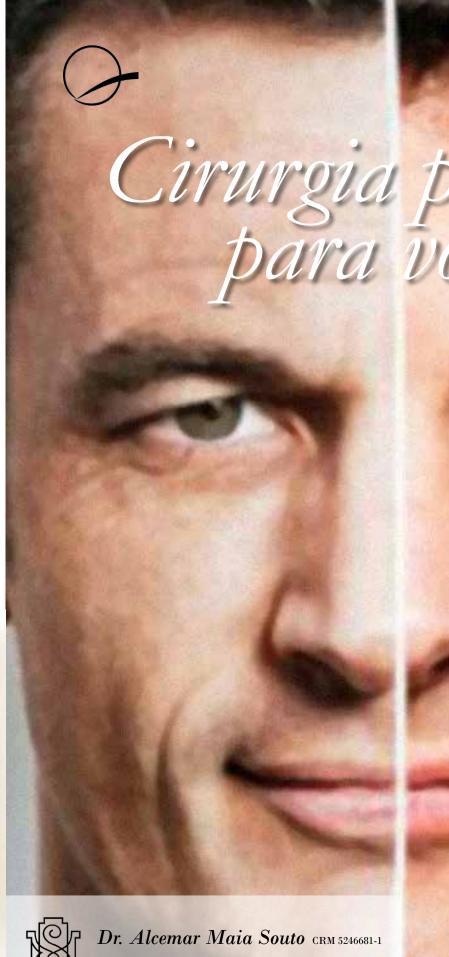




Acima, Dourado, Dourado, bordado e guipir sobre linho, 2023.

Abaixo, Ufanismo (2021) e Amor bandido (2023), ambos bordados sobre brim.







+55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com

Fábio Bellini por Filipe Charas

por Filipe Chagas

l interessante pensar que a reação das pessoas à fotografia que surgia no fim do século 19 era de medo e surpresa, e hoje vivemos na Era da Informação Audiovisual, onde todo mundo se comunica através de imagens que podem ser autorais. Essa transformação tecnológica e social da linguagem fotográfica interferiu no comportamento humano e não foi diferente com Fábio Bellini.

Como sempre foi muito interessado por cinema e TV, ganhou uma câmera fotográfica analógica de presente de seu pai ainda criança. Na adolescência, por ter vergonha de estar na frente da câmera, pedia para fazer as fotos e acabava ouvindo: "Nossa, ficou muito bom! Você deveria ser fotógrafo!". Isso ficou registrado. Por volta de 2013, passou a ter um contato profissional com a fotografia na faculdade de Comunicação Social, e decidiu se dedicar à fotografia de rua, de cotidiano.

Gostava de me sentir "invisível" entre as pessoas e registrar aquelas cenas que às vezes passavam despercebidas entre os demais.

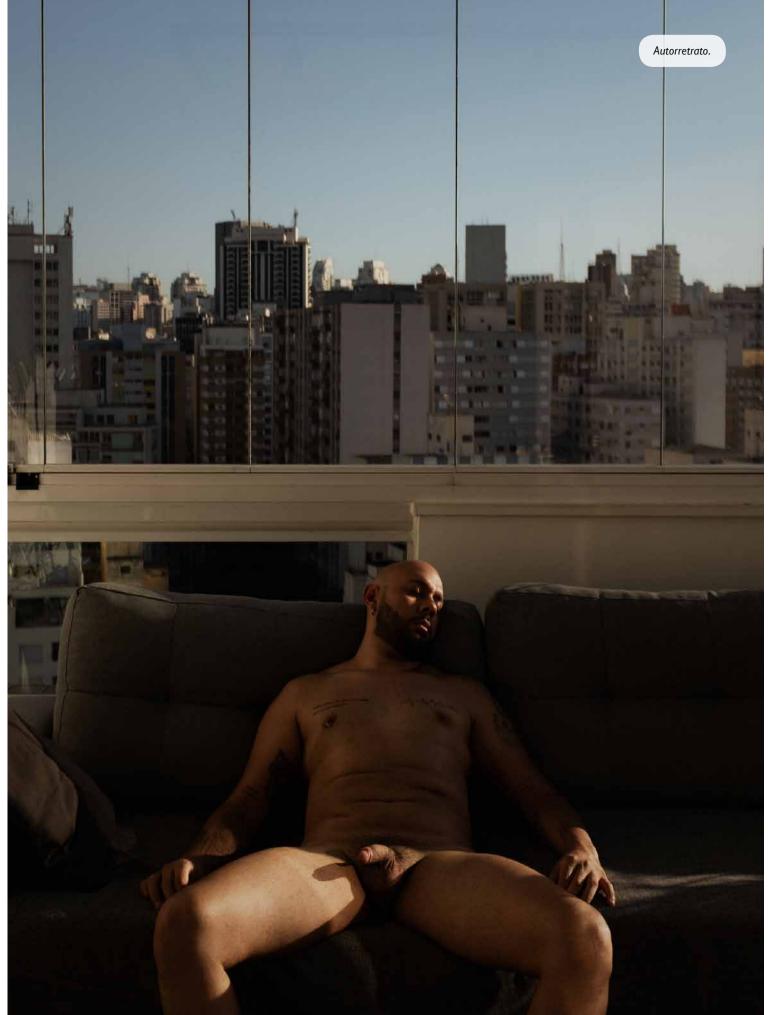




Anos depois, em um curso de especialização, Fábio enxergou a amplitude da fotografia e percebeu que o lado artístico, emocional e conceitual de um retrato era onde queria se aprofundar para dar vazão à sua expressividade. Nesse mesmo período, em um processo de autoconhecimento e autoaceitação, posou nu para outro fotógrafo.

Até eu ter alguém me fotografando, eu não tinha muita ideia do que aqueles que posavam para mim poderiam estar sentindo quando eu apontava a câmera para eles. Passar por essa experiência me fez entender o que eu queria e o que não queria que meus modelos sentissem na hora de posar para mim. Olhar para o meu corpo como ele é, com todas as suas curvas, dobras e imperfeições perfeitas, é um exercício constante de autoaceitação.

A nudez deixou de ser vulnerabilidade para ser coragem. Foi um autorretrato feito em 2015, a partir da necessidade de expressar sua introspecção e solitude durante um quadro depressivo, que viu o potencial libertador da fotografia. Independente de alguns discursos conservadores sobre o excesso de exposição pessoal, Fábio decidiu seguir adiante com referências como Robert Mapplethorpe, Florian Hetz, Pixy Liao, Bob Wolfenson, Vivian Maier e outros fotógrafos, bem como artistas da música que compõem narrativas, como Taylor Swift e Jão.





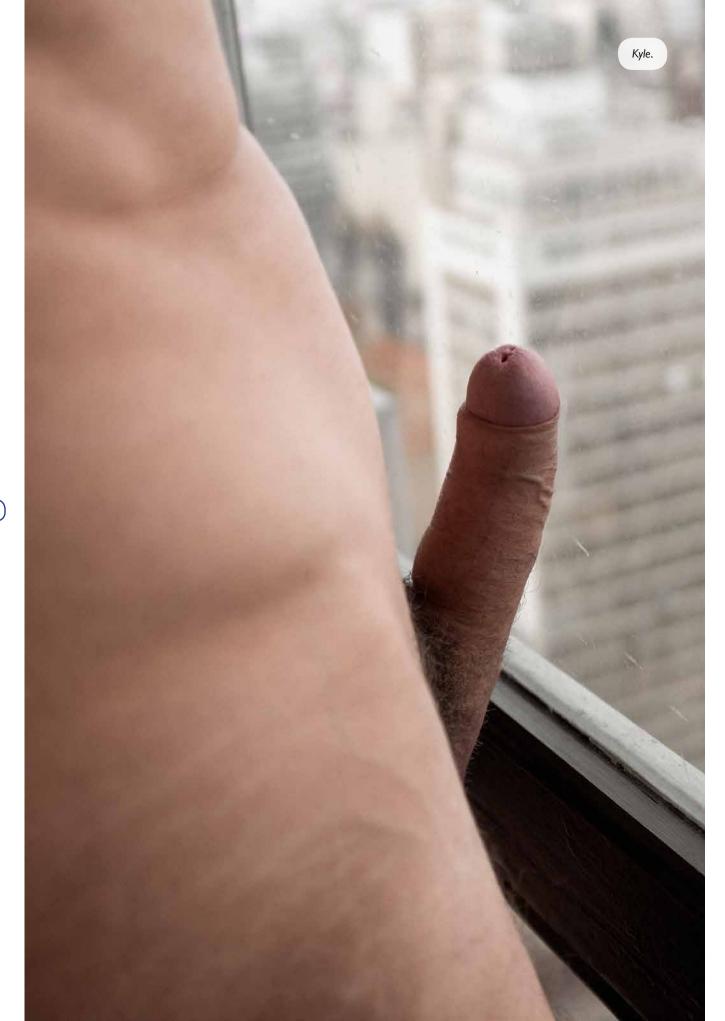




Aliás, a música está sempre presente em seus ensaios: em playlists escolhidas pelos modelos para tornar o ambiente acolhedor e os retratados se sentirem confortáveis para compartilhar suas histórias, a imagem tende a ser criada em sua totalidade emocional. Essa carga emocional é também responsável por definir local, iluminação ("geralmente opto pela luz natural") e suporte (digital ou analógico).

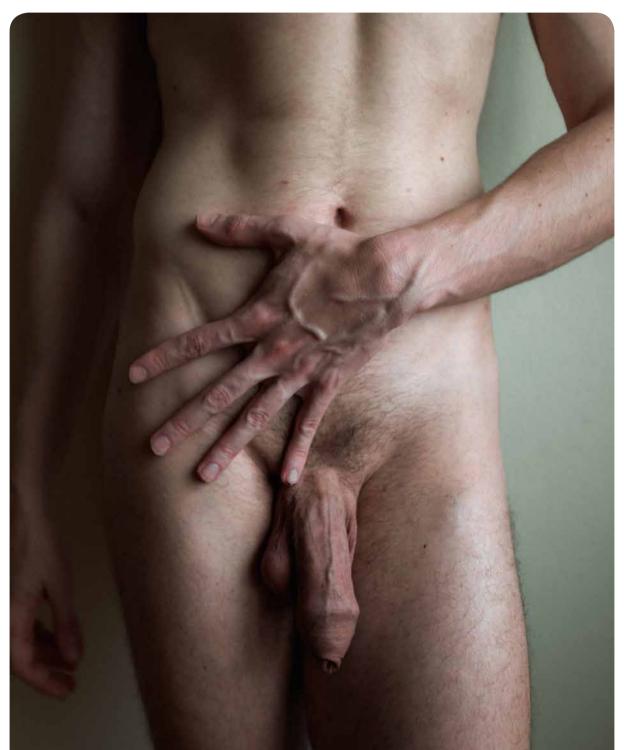
O que sustenta os meus trabalhos são os sentimentos. Sempre foco naquilo que eu ou o outro estamos sentindo e busco construir as imagens com respeito. Muitas vezes são pessoas que nunca posaram nuas antes. Por isso, converso muito antes e durante a sessão para entender o que se deseja com o ensaio, seja superar um luto, celebrar um momento importante ou apenas pela experiência.



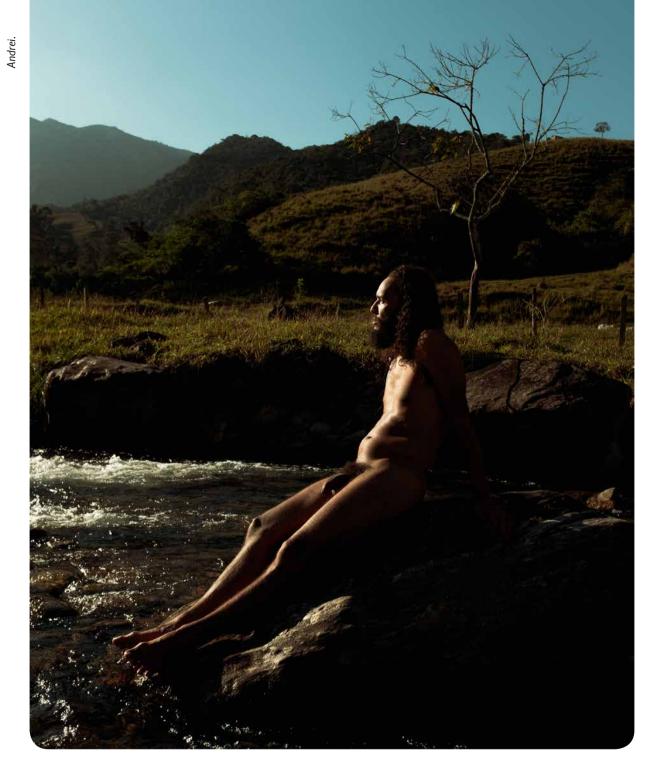


Ele sabe que existe uma curiosidade que permeia a nudez, ainda mais o nu frontal masculino. Mesmo tratando de forma natural sem poses forçadas, utiliza de enquadramentos específicos que tanto despertam o interesse quanto driblam a censura das redes sociais. Para as fotos "mais explícitas", compreende a influência do meio pelas decisões de um falo flácido ser menos invasivo e ser visto como artístico, ao invés de uma ereção que pode levar para o lado exclusivamente pornográfico.

Tecnicamente eu prefiro fotografar o falo em repouso, pois uma ereção vai exigir mais concentração do modelo para mantê-lo rígido tempo suficiente para que possamos realizar as fotos.







O mesmo Fábio que se inspirava nas estátuas greco-romanas dos livros escolares de História hoje observa com cautela a abertura para a nudez masculina, pois sabe que existe um conservadorismo hipócrita que precisa ser combatido. Em seu citado processo constante de autoaceitação, está também o caminho de sua afirmação como artista. Então, tem a Arte como uma válvula de escape de seu trabalho burocrático e mantém sua produção fotográfica como uma investigação da nudez, do autorretrato e de si mesmo. 8=D







pintor alemão Johann "Hans"
Reinhard von Marées (1837-1887)
nasceu na véspera de Natal em uma
família de banqueiros em Elberfeld,
na Alemanha. Entrou na Akademie de
Berlim em 1853 e, no ano seguinte, ingressou
no ateliê do pintor e gravador Carl Steffeck,
especializado em cenas equestres e de caça.
Em 1855, serviu o exército por dois anos e, ao
sair, mudou-se para Munique, onde conheceu o
pintor retratista Franz von Lenbach, e passou a
concentrar sua produção artística neste gênero.

Em 1864, o conde Adolf von Schack enviou Marées e Lenbach à Itália para copiar os antigos mestres. O contato com a pintura veneziana alterou a forma como Marées entendeu a cor na produção pictórica e a temática mitológica começou a despontar. Como o pintor já estava numa busca independente por sua própria linguagem expressiva, as cópias que lhe foram solicitadas não eram reproduções minuciosas e, assim, o conde encerrou o contrato em 1868.

Autorretrato com chapéu, óleo sobre tela, 1874.

Na Itália, fez amizade com o teórico da arte Konrad Fiedler (que viria a se tornar seu patrono até o fim da vida) e com o jovem escultor e arquiteto Adolf von Hildebrand, por quem se apaixonou. Em 1869, visitou França, Holanda e Espanha com Fiedler. Em seus primeiros autorretratos, é possível identificar a influência de Rembrandt.

Lutou na Guerra Franco-Prussiana (1870-71) e, quando voltou a Berlim, alugou um estúdio para dividir com Hildebrand, que veio a se tornar seu pupilo e protegido. Em 1873, ele decorou as paredes da biblioteca do recém-construído Instituto Zoológico Marinho Alemão (Stazione Zoologica Anton Dohrn) em Nápoles. Os afrescos consistem em cinco cenas representando figuras em paisagens, inseridas em uma estrutura de frisos e pilastras trompe l'oeil projetadas por Hildebrand, onde o pintor – em suas próprias palavras – "queria simplesmente expressar as alegrias da vida marítima e praiana". No entanto, muito se discute sobre a intenção homoerótica das obras.



Rapto de Ganimede, óleo e têmpera sobre madeira, 1887.

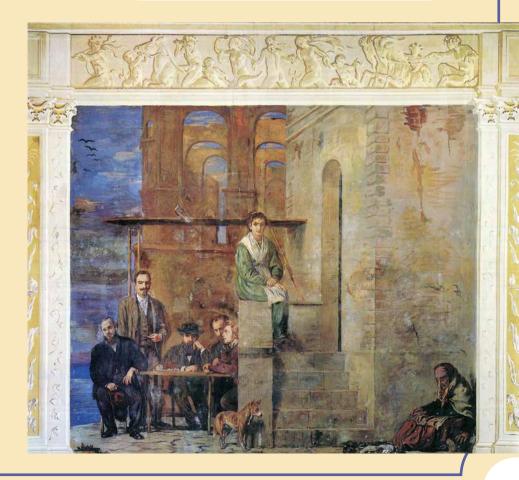
(Pescadores partindo e O barco de pesca) retratam barqueiros napolitanos, sendo um com seis homens corpulentos três deles nus, os outros vestindo apenas shorts - lancando um barco, e, outro, com cinco homens remando energicamente um barco que transporta uma mulher de ar entediado que não lhes dá atenção. Outro afresco, Laranjal: Os homens, tem em destaque um jovem nu colhendo uma laranja de uma árvore. No afresco Pérgola, Marées mostra amigos sentados em uma mesa ao ar livre bebendo vinho, que representavam ele e Hildebrand, sentados lado a lado, com as cabecas juntas. Ainda aparecem outras figuras masculinas nos afrescos, como um homem idoso (vestido) cavando com uma pá, e dois meninos, um vestido e sentado e o outro nu e deitado no chão. Marées repetiria o tema de jovens nus em bosques idílicos em várias pinturas subsequentes, incluindo Três jovens sob laranjeiras (1880), com o discurso que estava "tentando entender a figura humana no espaço".

Dois dos afrescos

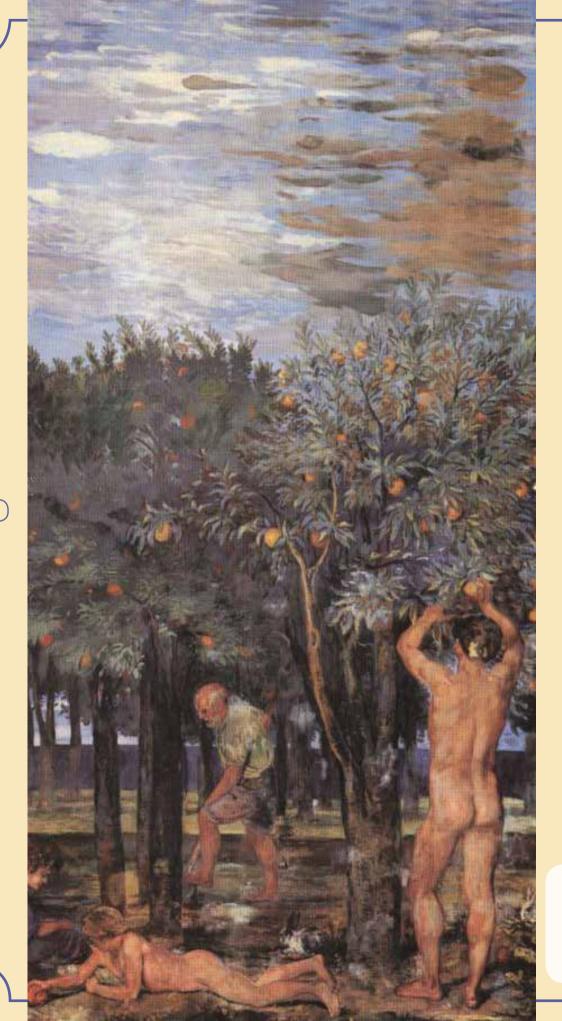


Acima, O barco de pesca, e abaixo, Pérgola, afrescos de 1873.

(35

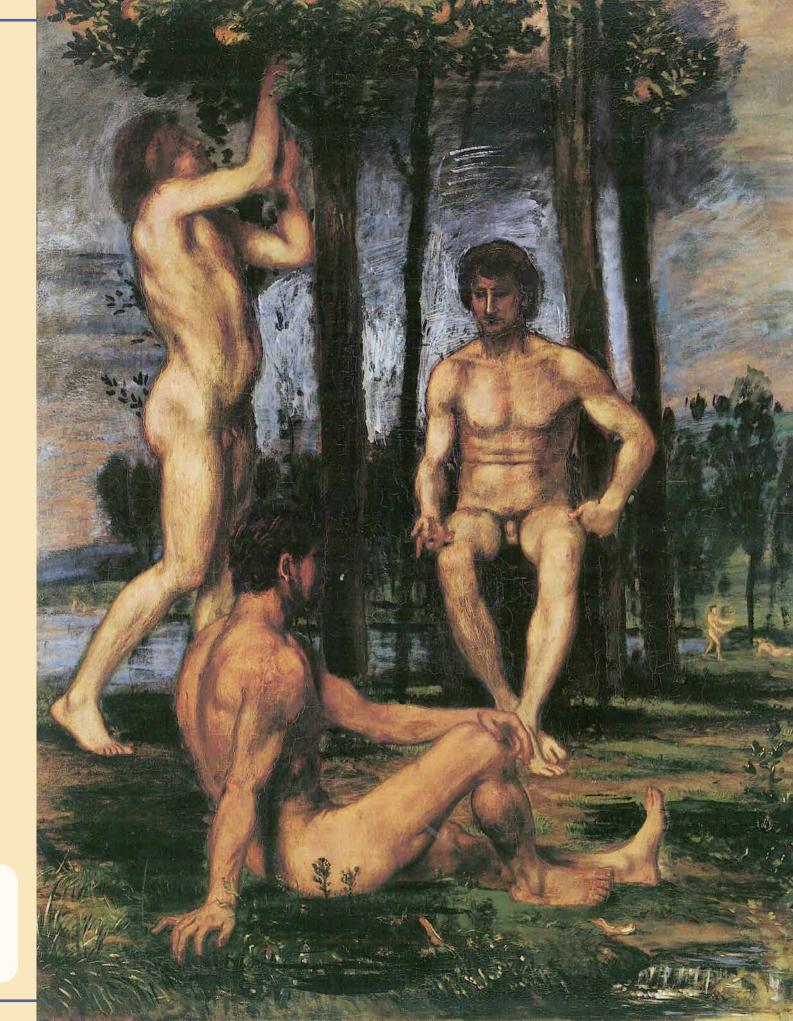






Laranjal: Os homens, afresco, c. 1873.

Página ao lado: Três jovens sob laranjeiras, óleo e têmpera sobre madeira, 1880.



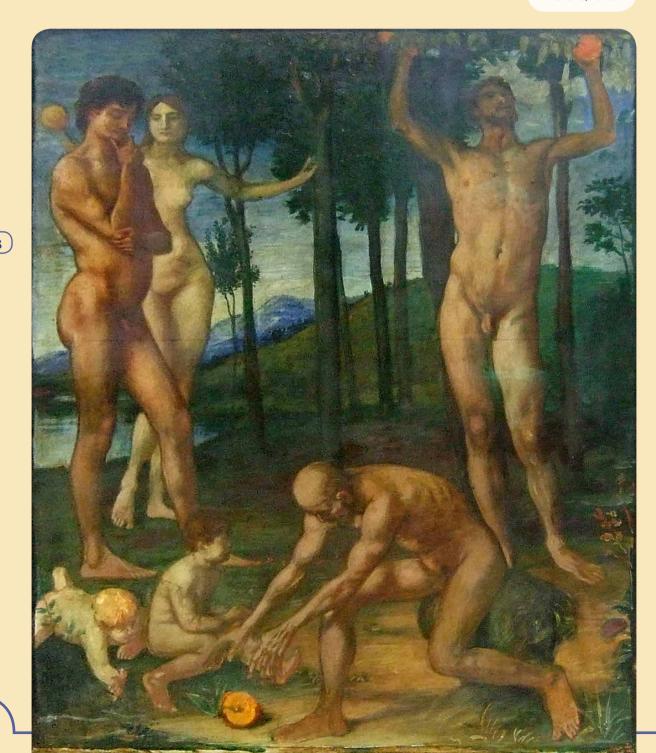
Anselm Feuerbach e o simbolista Arnold Böcklin, dois importantes membros do grupo de artistas intelectuais idealistas conhecidos como "Romanos Alemães". Marées se voltou cada vez mais para temas mitológicos e desenvolveu uma técnica complexa e individual, utilizando a têmpera com camadas de óleo para criar uma profundidade de cor bem diferente dos tons suaves de seus colegas. O historiador da arte austríaco Fritz Novotny escreveu

que na arte de Marées "um papel completamente novo é atribuído à cor", e

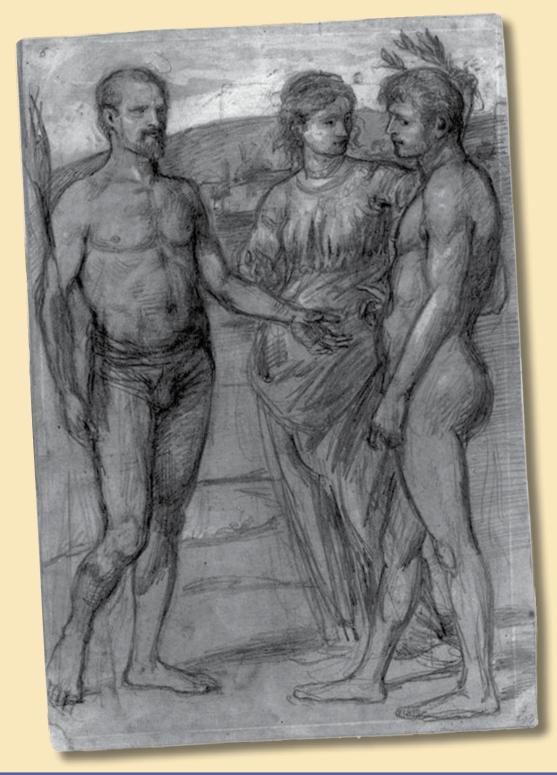
que "depois de Ingres, ele foi o grande classicista do século 19".

Em 1874, mudou-se para Florença com Hildebrand e conheceu o neoclassicista

As idades, óleo e têmpera sobre madeira, 1878.

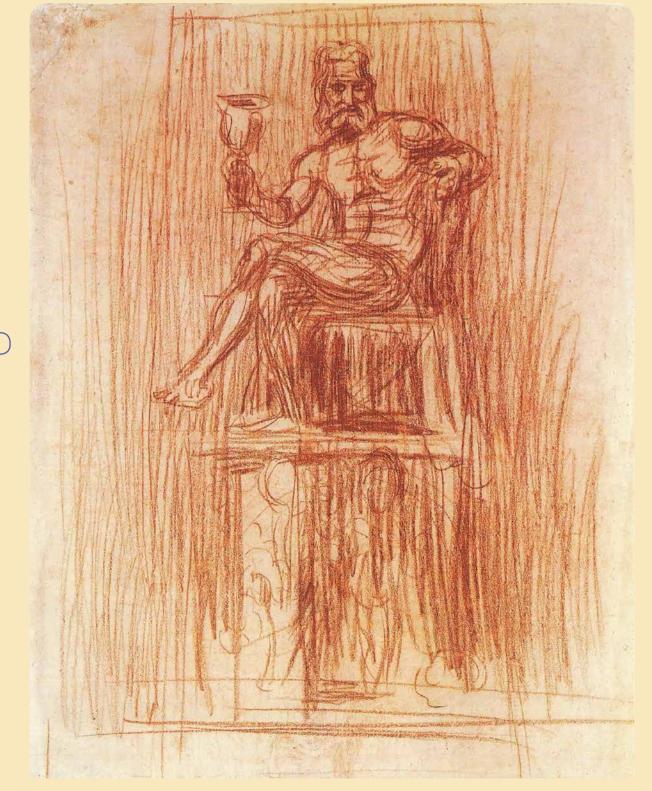


O relacionamento amoroso de Marées e Hildebrand terminou quando o escultor retornou à Alemanha para se casar com Irene Schäuffelen (um membro da comunidade de expatriados alemães em Roma que posou para um retrato do pintor). Marées desenhou o fim desse romance em A mulher entre os dois homens (1875, abaixo). Nele, o pintor vestido com uma tanga, está à esquerda, com o olhar direto e o braço estendido para um jovem Hildebrand nu que desvia o olhar, enquanto a mulher lhe oferece uma coroa de louros.

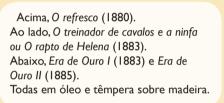


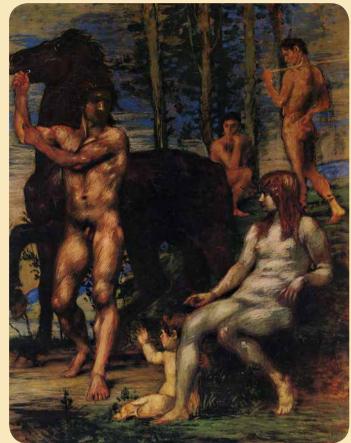
Ainda na Itália, Marées passou a lecionar e trabalhou com os escultores Artur Volkmann, Peter Bruckmann e Louis Tuaillon fazendo esboços para seus projetos. Chegou a fazer um esboço de nu para esculpir, mas não concluiu o projeto.

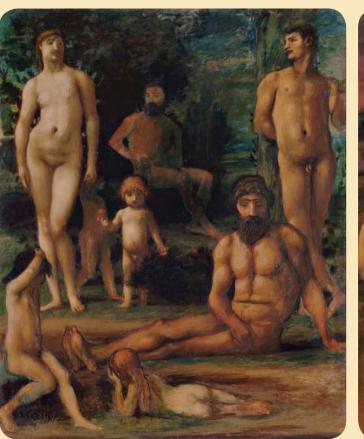
Nestor, estudo em giz vermelho sobre papel, 1882.







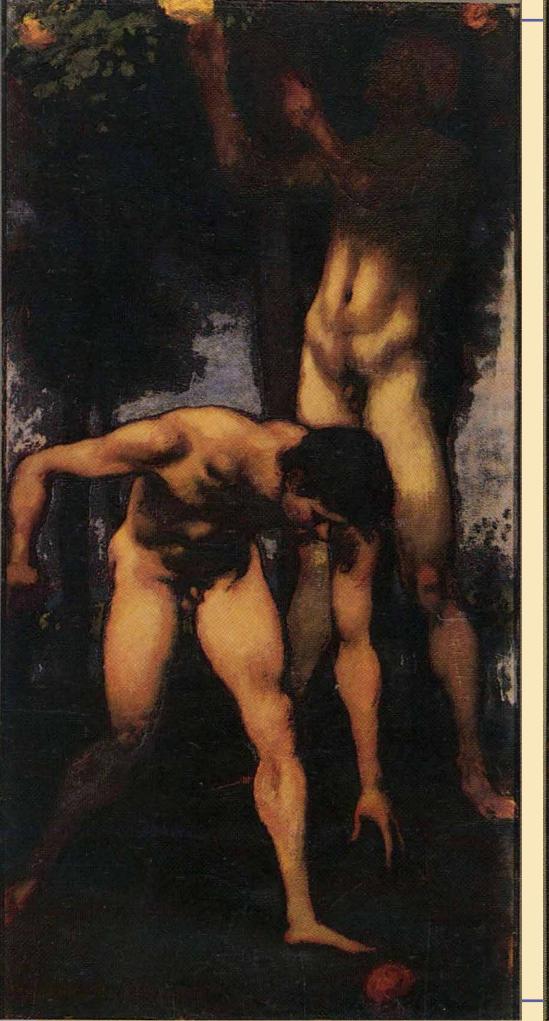


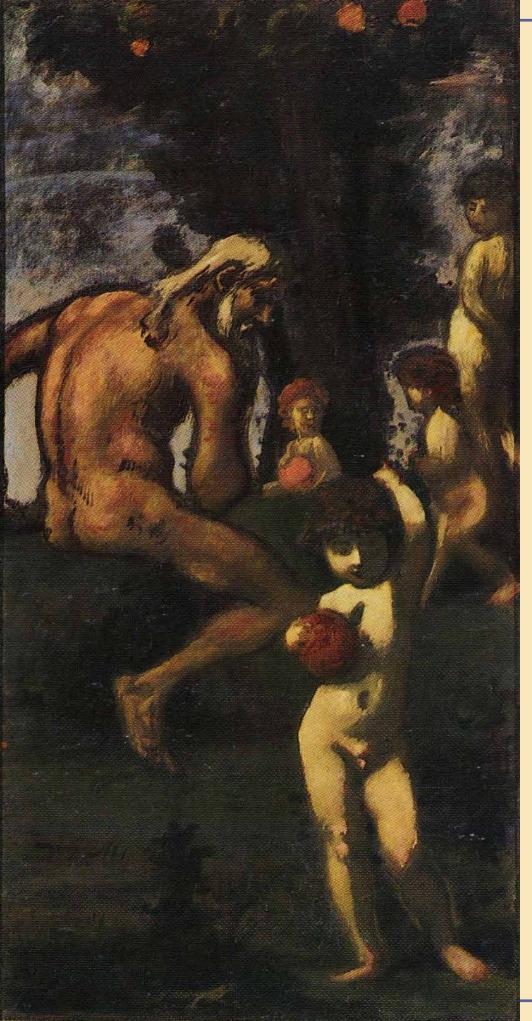




40

7,1

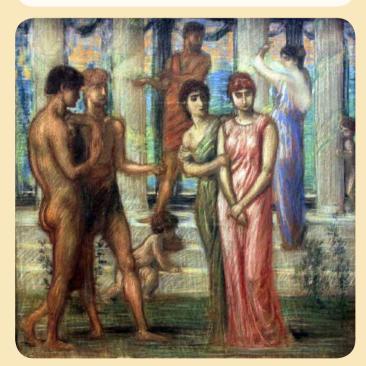




Na década de 1880, Marées pintou quatro trípticos monumentais — O Julgamento de Paris, As Hespérides, Três Santos a Cavalo e O Cortejo — bem como algumas pequenas pinturas mitológicas e alguns retratos. Alguns estudiosos dizem que suas composições bidimensionais e lineares anteciparam tanto a técnica impressionista quanto a forma do movimento Art Nouveau.

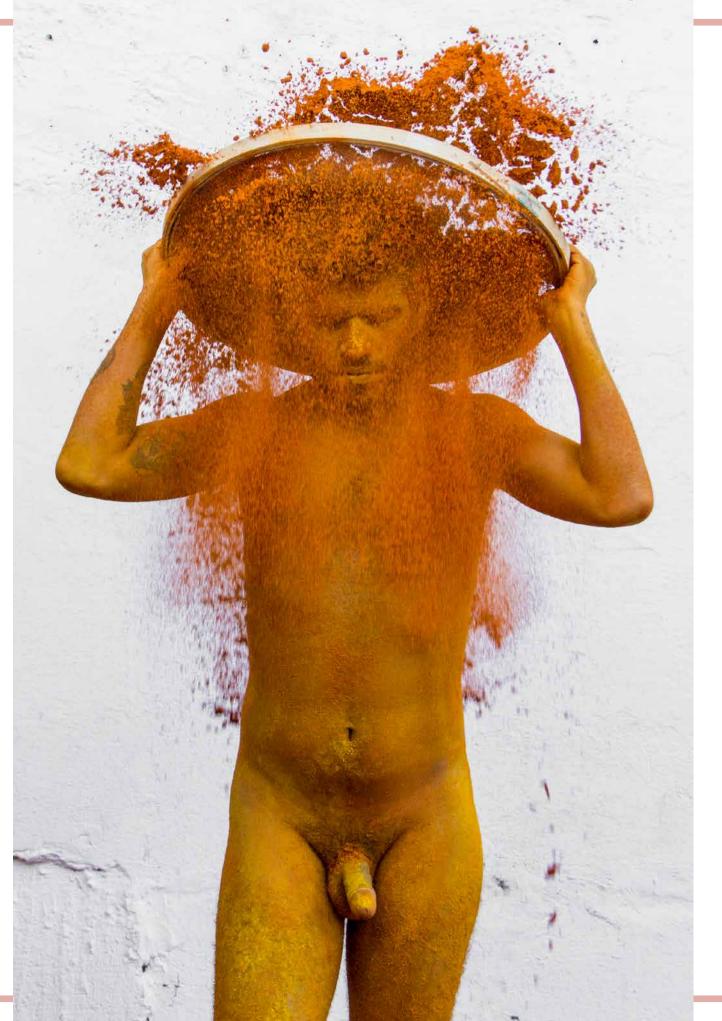
Embora ambicioso, passou os últimos anos de sua vida em Roma inseguro e decepcionado por não ser conhecido. Faleceu em 1887, aos 49 anos. Alguns anos depois, Hildebrand projetou um museu em Munique em memória de Marées e a exposição que abriu em 1891 apresentou ao público o valor de sua arte. 8=D

Ao lado, as duas partes laterais do tríptico As Hespérides (1887). Abaixo, a parte central do tríptico O cortejo (1885).



Aromas, cores, temperos, sons, poses, movimentos... Impossível não ficar de queixo caído ao se deparar com qualquer imagem produzida por **Julio Leão** no projeto **Tempero da Carne**. É até difícil descrever o projeto para quem não o vivenciou, mas, através dos resultados fotográficos temos uma leve ideia do que é essa experiência multisensorial, performática e imersiva, realizada com temperos diversos (açafrão, colorau, curry, canela, cravo, cominho, gengibre, páprica, noz moscada, coentro etc.) que realçam e/ou camuflam o sabor de nossa carne crua e, assim, questionam quem somos.

A ideia do projeto surgiu em 2016, mas a primeira experiência fotográfica multisensorial se deu no ano seguinte. Todos os ensaios – já passam de 100, sejam eles individuais, em duplas ou coletivos - seguem um roteiro intimista do início ao fim. No local das fotos, somente o fotógrafo, um assistente e as pessoas que participarão do ritual fotográfico. Começa com uma conversa sobre corpo, nudez e autoestima que vai abrindo os caminhos para a inspiração e para os envolvidos se conhecerem. Depois das instruções dadas e os temperos derramados, Julio coloca uma música que conecta profundamente com ancestralidades e essências e torna a nudez total necessária e livre.





















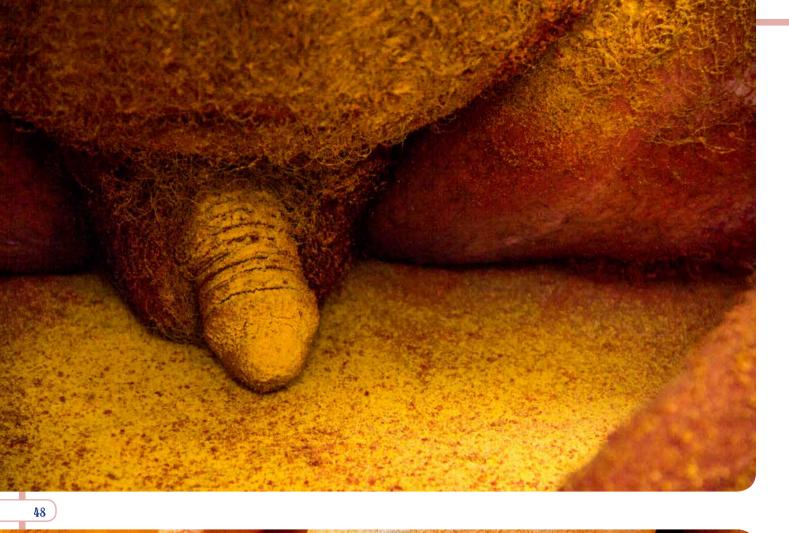
A condução é extremamente sensível e o olhar de Julio é uma potência. O artista paulistano com raízes nordestinas faz da Dança e da Fotografia as conexões entre as linguagens artísticas que buscam o movimento e a poesia nos detalhes e nas sensações, e que também propõem importantes reflexões sobre como lidamos com a vida contemporânea. Até os que possuem mais dificuldade em lidar com seu corpo nu em movimento se entregam e se transformam em imagens estéticas de uma beleza indiscutível.

O projeto chegou ao seu fim da forma que se apresenta e agora surgirão seus desdobramentos expositivos (como, por exemplo, em lambes espalhados pela cidade de São Paulo), audiovisuais e, quem sabe, acadêmicos.

8=D











A Falo Magazine tem
por princípio máximo o
conhecimento livre. Sempre
foi pensada de forma gratuita e
online, onde o alcance poderia ser
máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. Uma única pessoa é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das assinaturas mensais!

SEJA MAIS.



www.benfeitoria.com/falomagazine

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês agradecimento na Falo

PARCEIRO DA FALO

R\$15 / mês

agradecimento na Falo e spoiler por e-mail

VIP DA FALO

R\$20 / mês

agrdecimento na Falo e revista bimestral (capa variante) com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO R\$50 / mês

agrdecimento na Falo, revista bimestral (capa variante) e revistas especiais com antecedência por e-mail



Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Alexandre Teixeira, Orlando Amorim, Maria da Graça Chagas, Rafael Pentagna, Daniel Tamayo, Eduardo Kopp, Giovanni Ravasi, Marcelo Reider, Silvano Albertoni e benfeitores anônimos.









uem estuda História da Arte fica sabendo que A Origem do Mundo, de Gustave Coubert, foi encomendada por um diplomata turco para eternizar sua amante. Enquanto vivo, o diplomata manteve o quadro escondido. Depois, foi adquirido pelo psicanalista francês Jacques Lacan até chegar – finalmente – à exposição pública no Museu D'Orsay, em Paris.

Outra história famosa é das *Majas* de Francisco de Goya. No finalzinho do século 18, Goya pintou *A maja desnuda* para um diplomata espanhol. Sem poder exibir, o diplomata encomendou em seguida *A maja vestida* para sobrepor a versão nua através de um mecanismo que permitiria a visualização da debaixo. Em 1814, a Inquisição confiscou as obras e as manteve fora das vistas do público, numa sala reservada de acesso restringido com outros nus considerados obscenos. Somente em 1910, elas foram para o Museu do Prado.

Ambas as histórias são de nus femininos. O nu masculino permaneceu no universo clássico das estátuas grecoromanas, já que a arte medieval o eliminou por séculos. Foi resgatado pelo Renascimento, mas somente a partir de meados do século 19, o corpo do homem ganhou novas representações e expressões. Já a encomenda de arte deixou de ser a principal forma de negociação dos artistas. Suas produções autorais foram ganhando cada vez mais força até que seus discursos passaram a ser tão ou mais importantes que o resultado estético/técnico.



* Leia mais sobre A Origem do Mundo, de Coubert, na edição 7.





As Majas de Goya.

Considerando que o sistema da Arte inclui essa comercialização, a nudez sempre foi um problema. Como expor? Como vender? Se não vende, pra quê fazer? E quem compra? Quem compra, guarda ou expõe? É bem verdade que existem museus bem dispostos a exibir essa temática**, mas essas perguntas se mantêm até hoje. Por essa razão, a Falo resolveu conversar com Eduardo Vasconcelos, Paulo Cibella e Giovanni Ravasi, três colecionadores, curadores e entusiastas da Arte que contém o corpo masculino em sua glória, para tentar entender como se dá essa "dinâmica do ter e exibir".

[FALO] Como foi o início do seu processo de colecionar?

[EDUARDO] Meu interesse pela arte vem desde a infância, pela leitura de livros sobre os grandes pintores. Com o tempo, passei a frequentar exposições e museus e a realizar leituras diversas. A intenção de adquirir arte veio em 2011 com a primeira sensação de certa estabilidade financeira. É válido ressaltar que inicialmente não tive pretensão de iniciar uma coleção de arte. Ela foi surgindo espontaneamente a partir da primeira aquisição [obra Casa Coração, de Jorge Eiró, ao lado], levando a conhecer ateliês e galerias, aumentando gradativamente o vínculo de proximidade. Interessante que, só em 2019, quando o pesquisador Nei Vargas esteve em Belém entrevistando colecionadores para a construção da sua tese, foi que me entendi como colecionador.

[PAULO] Meu processo de colecionar começou com artes bem acessíveis do universo das artes gráficas, adquiridas em uma viagem para Nova York. Existiram momentos em que comprei muitas obras por gosto pessoal e por achá-las esteticamente bonitas, mas ao longo do tempo fui entendendo o valor de obras únicas e originais e me direcionei a uma temática específica. Confesso que sou consumista, então, aprendi a ter um foco extremamente rígido para não sair da proposta e dos rumos da minha atual coleção.

[GIOVANNI] Sim! Nasci na Itália numa família repleta de obras de artes, tanto adquiridas de geração em geração, como de artistas da minha própria família. Então, desde pequeno frequentei museus, exposições, feiras e cresci com a ideia que a arte representa uma parte essencial da vida, traz prazer (estético, intelectual, etc.) e pode ser adquirida. E me tornei um colecionador desde que eu tenho memória... conchas, pedras, copos de cerveja... mas comecei a me enxergar como colecionador de arte quando comprei a minha primeira gravura da Maria Bonomi (ao lado) na internet por um preço bom. Entendi que comprar obras de arte não era uma operação impossível... and the rest is history! Hoje a arte, seja seu consumo ou meu relacionamento mais próximo com artistas, representa uma das forças que impulsionam a minha vida, escolhas e prazeres cotidianos.







[F] Que tipo de linguagem artística atrai o seu olhar e o seu desejo?

[E] Diversas linguagens me atraem por motivos distintos. Construí minha coleção com um viés pautado na arte contemporânea produzida por artistas paraenses/amazônicos.

[P] Artes gráficas em geral, pinturas, desenhos, ilustrações, fotografias, esculturas e objetos com materialidade fora do tradicional, como obras feitas com marcenaria, por exemplo. A Pop Arte me atrai pela proposta, pela crítica, pelas cores e linguagem, mas me atrai apenas como espectador, não entrando no radar atual da minha coleção. Meu desejo hoje é atraído por obras que naveguem entre o sensual e o erótico. Gosto de mistério e não faço questão de imagens explícitas, gostando bastante do subjetivo.

[G] Várias! E vive mudando! Acho que isso é normal. Consumindo tanta arte e tendo uma exposição tão constante a tudo que acontece no mundo da arte, especialmente dos artistas emergentes, você acaba sendo estimulado por coisas novas e diferentes. Mas em geral a obra,

seja qual for a linguagem, tem que me trazer algum questionamento, despertar perguntas e surpreender cada vez que olho pra ela. Claro que também tem obras que simplesmente acho lindas e pronto, sem buscar significados mais profundos.

[F] Como a nudez influencia a sua escolha como colecionador?

[E] É um dos direcionamentos da minha coleção: obras e artistas que abordam a nudez, a sexualidade e suas relações.

[P] A nudez é um dos elementos estéticos que fazem parte do universo erótico que coleciono. Jovens twinks saindo da puberdade e exalando hormônios, bem como a nudez visceral e fetichista, são poéticas que atraem.

[G] Gosto muito de obras que falam de representação humana e autorrepresentação, seja figurativa ou conceitual. Nisso pode entrar a nudez, desde que traga algum elemento de discussão, provocação, ruptura ou desafio.

[F] No caso da nudez masculina na Arte, qual a sua reflexão sobre a ereção?

[E] Excitação. Repulsa. Desconforto. Fantasia. A ereção costuma causar diversos tipos de reação no público e também em quem adquire as obras. A questão da ereção, do tamanho do órgão sexual e sua representação são temas que procuro considerar nas minhas aquisições. Cito como exemplo a obra Estagnação II (peso) do artista goiano O Santo Inimigo do Mal (ao lado). É uma escultura em concreto que representa um pênis repousado sobre uma base que lembra um tijolo

rachado para levantar questões sobre o peso conceitual do órgão construído sobre o homem. Até mesmo quando essa ereção não está plenamente à mostra ou em seu estágio completo acaba por gerar discussões ou curiosidade, como ocorreu com a obra Em tuas mãos, da fotógrafa paraense Walda Marques (abaixo).

[P] Considero a ereção um lugar comum e desnecessário na arte. Acabo apelando para o falocentrismo na minha própria produção artística, mas não é algo que busco nas obras de outros artistas que quero colecionar.

[G] Um falo ereto é lindo, pode ser jocoso e provocatório, bem como ir facilmente para um lugar banal que beira a pornografia tradicional. Nada contra, simplesmente isso não me interessa.



[F] Qual a sua forma de encontrar Artes que possuem nudez?

[E] Visito exposições e galerias e busco na internet as redes sociais dos artistas que me interessam. Se algo entra no meu radar, entro em contato, seja com o próprio artistas ou com a galeria que o representa para saber valores e disponibilidade.

[P] Também atuo da mesma forma e também tenho a revista Falo como uma referência.

[G] Sigo a mesma linha e ainda criei muitas amizades dentro do universo da arte (como a própria Falo) que me indicam nomes que podem me interessar.

[F] Você expõe em casa obras que possuam nudez?

[E] Claro! Não coloco mais por questões de espaço físico!

[P] Com certeza!

[G] Sempre! Onde quer que eu more!

[F] E como são as reações dos visitantes?

[E] Nunca precisei retirar ou substituir uma obra ao receber amigos ou mesmo pessoas que eventualmente venham prestar serviços. Houve situações onde ficou nítida a curiosidade — aquele olhar pelo canto do olho —, mas sempre sem comentários ou perguntas. Interessante que, apesar do burburinho causado pelas obras, ao conversar com amigos colecionadores, muitos admitiram que até poderiam adquirir uma obra que demonstrasse uma ereção, por exemplo, mas dificilmente conseguiriam expor na sala de casa. E estamos falando de homens gays assumidos!

[P] Visitantes sempre gostam. Nunca tive problema quanto a isso, mesmo com familiares. Confesso que funcionários terceirizados muitas vezes se espantam, e, quando estão em dupla, fazem comentários entre eles.

[G] Ah... Tenho várias histórias! Mesmo meu marido tentando esconder ou cobrir as obras mais "controversas", não dá para mudar a casa inteira. Mas, em geral, minha experiência é muito positiva. As imagens de nudez, inclusive de conteúdo sexual, despertam interesse e curiosidade e ainda quebram o gelo de conversas. A nudez, o sexo, os fetiches são muito menos um tabu do que imaginamos... obviamente considerando quem chamamos para a nossa casa! As pessoas vão se acostumando com isso e provavelmente devem ter histórias pra contar sobre o casal de bixas colecionadoras de obras escandalosas! (risos!)

[F] Mas você acredita que há uma melhor aceitação da nudez masculina na Arte?

[E] É algo que vem se modificando. No entanto, ainda há certa desproporcionalidade, principalmente nos museus. Grande parte dos nus são femininos e realizados por artistas homens. Mostras específicas, festivais e as discussões atuais estão diminuindo um pouco essa disparidade.

[P] Acredito que a nudez masculino está timidamente ganhando espaço na arte e junto aos colecionadores. Ainda há muito receio de expor essa arte, ficando muitas vezes limitada a espaços mais privados. As obras com nudez precisam deixar de ser "obras de gabinete". Curar obras mais explícitas e colocá-las na parede de uma exposição em espaço público pode ser um primeiro passo.

[G] Definitivamente melhor, em geral, no ambiente LGBTQIA+. Tem vários exemplos de artistas queer, que trabalham também com nudez masculina, que estão conquistando visibilidade no mundo da arte, e cada vez mais galerias apostam nestes artistas. Acredito que nossa comunidade seja poderosa no mundo das Artes plásticas hoje em dia e isso pode ajudar na aceitação e visibilidade, porém, o risco da nudez masculina ficar presa no nicho queer de colecionadores queer é real. Espero que isso realmente mude e eu consiga assegurar minha aposentadoria... (risos)!

[F] Além de adquirir obras, que outra ação de fomento às artes com nudez você realiza?

[E] Em 2021, quando minha coleção completou 10 anos, montei uma primeira exposição. No ano seguinte, realizei via edital a exposição Desnudo, em 2022, com aproximadamente 120 obras da minha coleção que traziam desde a nudez em seu sentido mais clássico, como as Vênus e os exercícios de modelo vivo, àquela que indica o ato sexual, chegando aos corpos políticos e as discussões sobre gênero. Em paralelo, tivemos bate-papos com pesquisadores e artistas, discutindo nudez e sexualidade, além de visitas mediadas. Tivemos uma receptividade incrível, por pessoas das mais diversas faixas etárias – até mesmo diante de obras consideradas mais ousadas. Também apresento os artistas que utilizam a nudez em suas poéticas para novos colecionadores.

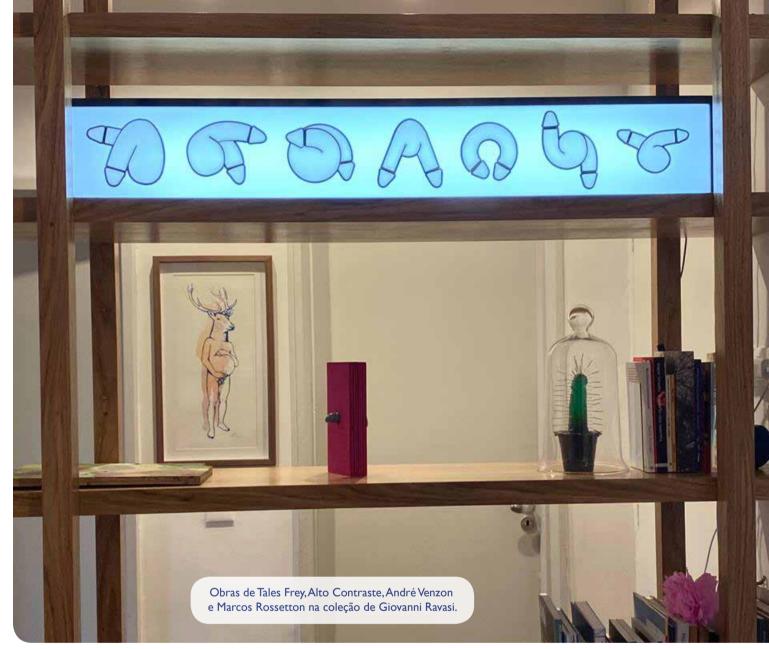
[P] Chegou um momento em que apenas colecionar não me bastava. Percebi que existia muito trabalho a ser feito para quebrarmos algumas barreiras e difundirmos mais a arte erótica em terras brasileiras. Resolvi tirar alguns projetos do papel durante a pandemia, e assim que tive a oportunidade, criei um Salão de Arte Homoerótica em 2022 com a participação de seis artistas. Foi uma iniciativa que nasceu pequena, mas que, em 2023, foi expandida para 24 artistas em diversas linguagens artísticas, como a performance e o audiovisual, em um espaço bem maior que deu grande repercussão.

[G] Simplesmente mostrar e pendurar na própria casa já ajuda a normalizar essa Arte, porém, aproveito das potência das redes sociais para divulgar e dar visibilidade a artistas que trabalham com nudez, bem como apresentá-los para galeristas e curadores que podem abrir portas. Já participei de vários projetos de crowdfunding que patrocinaram eventos e exposições com essa temática. E, claro, não podia deixar de colaborar com uma certa revista de Arte. (risos!)



Corpo #1, da série Atlas de Emídio Contente (2014/2015) na coleção de Eduardo Vasconcelos e na exposição Desnudo.







[F] Que conselho você daria para aqueles que querem começar uma coleção de Arte, especialmente se for com nudez?

[E] É fundamental conhecer os artistas, seus discursos, técnicas e processos de criação. Conversas com galerias e com outros colecionadores possibilita um maior estreitamento das relações, assim como buscar artistas emergentes e importantes na construção dessa coleção.

[P] Aconselho a comprarem artes acessíveis que sejam originais e únicas. Não deixe para comprar amanhã algo que gostou muito hoje. Já perdi muitas oportunidades e me arrependi de não ter comprado. Reserve um orçamento anual para isso e valorize os artistas que gosta, comprando periodicamente. Recomendo também que se tenha atitudes que fortaleçam as instituições do sistema e, sempre que puderem, ajudem a fomentar outros projetos, não apenas se preocupando em aumentar sua própria coleção.

[G] Siga seu instinto e compre o que lhe dá prazer e estimula seu intelecto (não só o seu baixo ventre...). Conheça e fale com os artistas: arte é convívio.



COLECIONISMO

O colecionismo é a prática que as pessoas têm de guardar, organizar, selecionar, trocar e expor diversos itens por categoria, em função de seus interesses pessoais. Em todo o mundo, milhões de colecionadores organizam as mais diversas coleções de objetos, como selos (filatelia), livros (bibliofilia), moedas, cédulas e medalhas (numismática), entre outros. Dentre os benefícios que a atividade pode trazer para o colecionador, em especial os mais jovens, está o desenvolvimento dos sensos de classificação e organização, de interação e socialização com outros colecionadores, do poder de negociação, bem como o aumento do repertório cultural acerca do objeto colecionado. A História registra um provável início da prática em meados do século 18, por conta de descobertas arqueológicas e da Revolução Industrial. No Brasil, comemora-se o "Dia do Colecionador" em 18 de novembro.



epois dessa leitura, você ficou interessado em ter uma obra com nudez masculina na sua casa? Acha que seria capaz de colocar na sala pra sua avó ver? Você, ao menos, iria em uma exposição com uma ereção explícita? Essa é uma reflexão fundamental, porque ela interfere diretamente no mercado de Arte. O investimento financeiro e criativo tende a ser desviado para temáticas mais palatáveis (comerciais) e algumas temáticas mais provocantes (como sexo e política) são negligenciadas e censuradas.

Não pense que isso é uma questão brasileira. Trago aqui a história do espanhol Ferran Sanchez Castillo, artista capa da edição 25. Em agosto de 2022, ele desabafou comigo sobre um amigo com um espaço de exposição disponível em Bruxelas, na Bélgica, que recusou seu trabalho por ser "muito gay". Ao mesmo tempo, uma revista belga pediu que ele enviasse artes que "fossem mainstream e não tão gays". Um ano depois, um galerista gay afirmou que ele nunca estaria em uma galeria porque seu trabalho não tinha mulheres nuas e era "somente homoerótico". Tudo porque ele trabalha com a nudez masculina. Na curadoria das exposições Além da Parada (2022) e Muito Além da Parada (2023), com autorização da galeria, fiz questão de falar para os artistas: "aproveite esta oportunidade para expor o que você nunca pôde, coloque o pau pra fora!". E até as artistas mulheres cis buscaram isso! Revelo aqui também que, no início da Falo Magazine, os artistas não enviavam seus trabalhos com nu masculino frontal e, quando eu pedia, perguntavam incrédulos "jura? Tem certeza?".

O sistema de Arte é tão censor que acaba enfiando receio e rejeição no processo criativo, fazendo a temática da nudez perder espaço, visibilidade e mercado. Mas sabe o que é engraçado? Poste nas redes sociais uma foto com um pouquinho a mais de pele ou alguma insinuação e você verá o seu alcance disparar (antes que o algoritmo te exploda)! Por isso, ações de fomento são imprescindíveis, seja na criação de um festival de arte, no suporte a um artista (a uma revista!) ou mesmo na visitação a um ateliê, galeria ou exposição.

Pra fechar com chave de ouro: Ferran irá expor em Bruxelas no ano que vem. 8=D





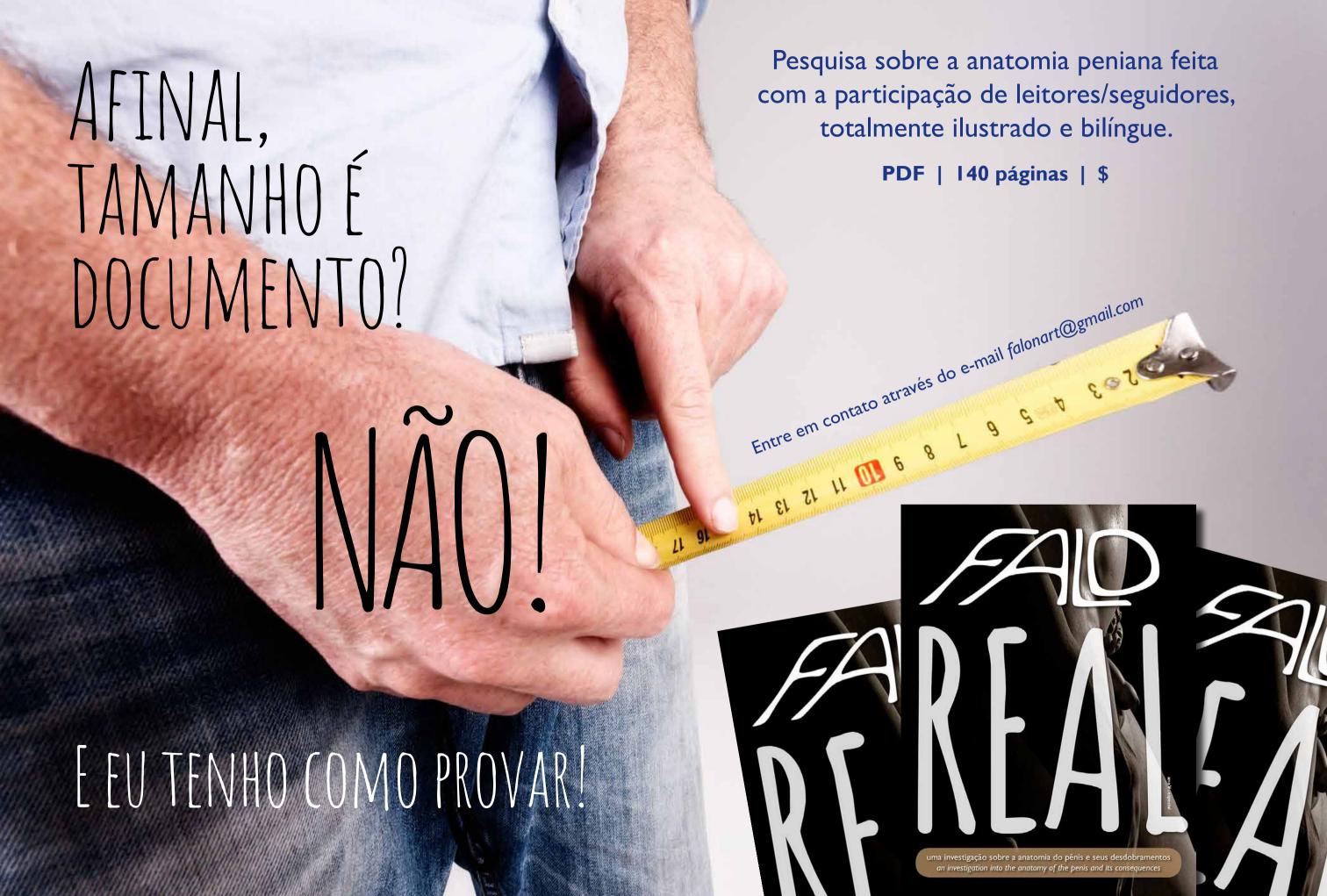












Contos do Falo

A CASA DELE

Nos encontramos para jantar, para conversar, para uns beijos, uns amassos. Depois de dançar fomos para minha casa, trepamos, conversamos, trepamos de novo. Minha casa é destes apartamentos novos minúsculos, quase uma casa-cápsula japonesa, mas caprichei nos detalhes, como arquiteto recém formado que sou.

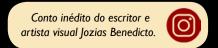
Ele não me fala de casa, da casa dele, imagino que tenha uma casa ou será que mora em um hotel, uma pensão, na casa da mãe? Sei que é separado ou solteiro ou viúvo, nunca fala do ex-, dos ex-, devem ser muitos ex- pois ele é mais velho que eu, o dobro da minha idade? Faço uma conta rápida mas não é tudo isso, os cabelos brilham como prata, como platina, como a riqueza que ele certamente acumulou em empresas ou negócios sobre os quais nunca diz nada, prefere me ouvir contar de arquitetura, de meu primeiro projeto que ficou bem bacana, de meus sonhos de levar beleza e funcionalidade para residências na periferia e que acabam sendo a realidade de mais uma decoração de uma casa-cápsula para outra deslumbrada. Enfim, ele leva o vinho mas minhas duas taças são de cristal e estão à altura do vinho dele, tive que parcelar taças e decanter no cartão. Meu sonho de estudante, ter um decanter, e aqui está o límpido cristal do decanter e das taças com o vinho caro que ele trouxe, para ele isso deve ser banal mas para mim é uma realização. Suspiro. Ele me beija. E estamos gostando um dou outro, é o que parece. Na despedida ele convida, "da próxima vez vamos à minha casa, coloco um champagne no gelo, jantamos e na manhã seguinte tomamos café da manhã na piscina".

A casa é portentosa e me parece familiar. Ele abre a porta pivotante com um sorriso e duas taças de *champagne*. Claro que é familiar, tudo milimetricamente arrumado, tudo discreto e caro, não há uma tela figurativa, um pop, um grito, um vermelho: só abstratos e expressionistas abstratos e minimalistas pontilhados por um ou outro geométrico e uma máscara africana. Na medida. Tudo na medida.

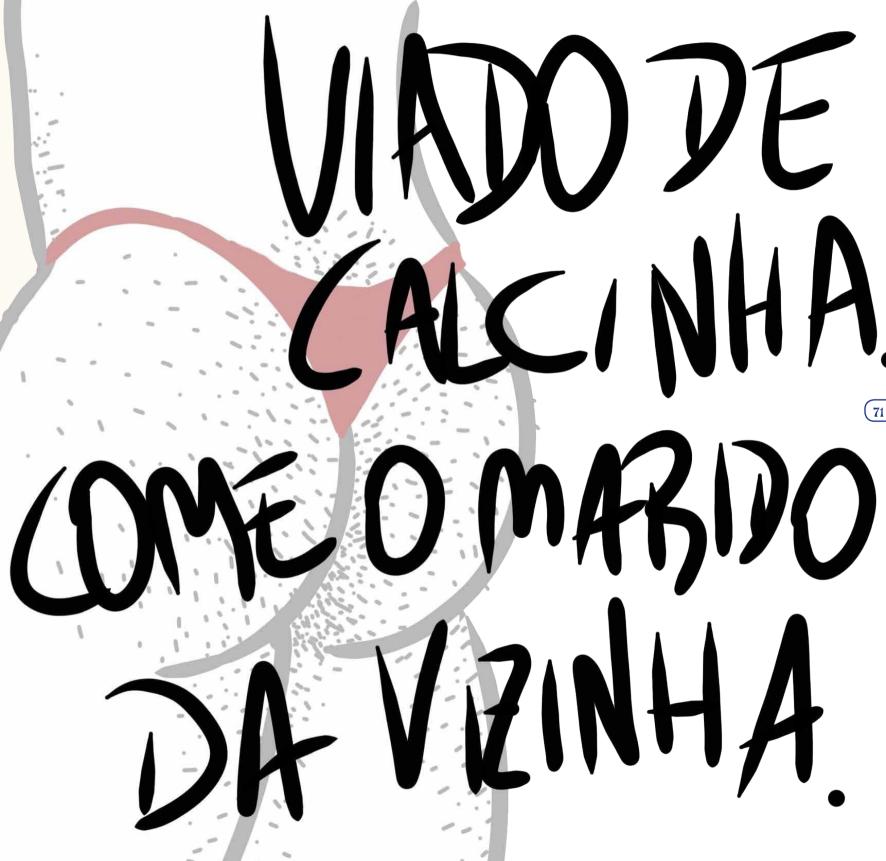
Depois dos beijos de boas-vindas, ele pergunta se quero conhecer a casa, "pode ficar à vontade", e continua sentado bebendo, um jazz suave, faço o meu tour sozinho pela sala, sala de jantar e jardim.

A piscina brilha, iluminada, azul profundo como uma geleira em pleno ártico. No gramado à beira da piscina, um foco de luz certeiro ilumina uma escultura: um falo. Gigantesco, descomunal, obsceno, como que latejante em pedra, como que prestes a gozar em lava, como um míssil atômico a ponto de explodir, o falo se projeta sobre o espaço, a glande rubra refletida no azul com pequenas ondas da piscina que a essa altura mais parece uma gruta sem fim direto para o centro da terra.

Cai a ficha, me lembro da foto em uma revista, vou até ele, pergunto, na verdade afirmo: "já sei, lembrei, sua casa é maravilhosa e o arquiteto é ele, o...", ele corta com um beijo o nome do arquiteto, o mais famoso, o premiado, o ditador de modas e de desejos da elite. Cai uma segunda ficha, desta vez prefiro não perguntar se o ex- dele é o tal arquiteto famoso. É claro que é. Prefiro me enroscar no corpo dele, gozar uma duas vezes para iniciar a noite. Lembro de uma entrevista do arquiteto já famoso, mostrando detalhe a detalhe da casa que construíram juntos, o projeto perfeito, a realização cuidadosa, as obras de arte rigorosamente selecionadas, tudo prova do amor dos dois que iria durar para sempre e que agora onde está? O arquiteto eu sei que passa as noites nas saunas, bebe demais, usa drogas, muitos parceiros e bons projetos escasseando. "Vamos cair na piscina?", sugiro, a noite está tépida, é verão e a piscina, nós arquitetos sabemos que armazena o calor do dia e também como refresca qualquer jardim, especialmente um jardim daqueles, dominado por um falo gigantesco. Mas eu não me rendo. Nadamos, nus. Bebemos, nos beijamos, peço para apagar a luz que incide sobre o falo e deixar somente a luz da lua, ela, a lua, minha aliada de hoje em diante.

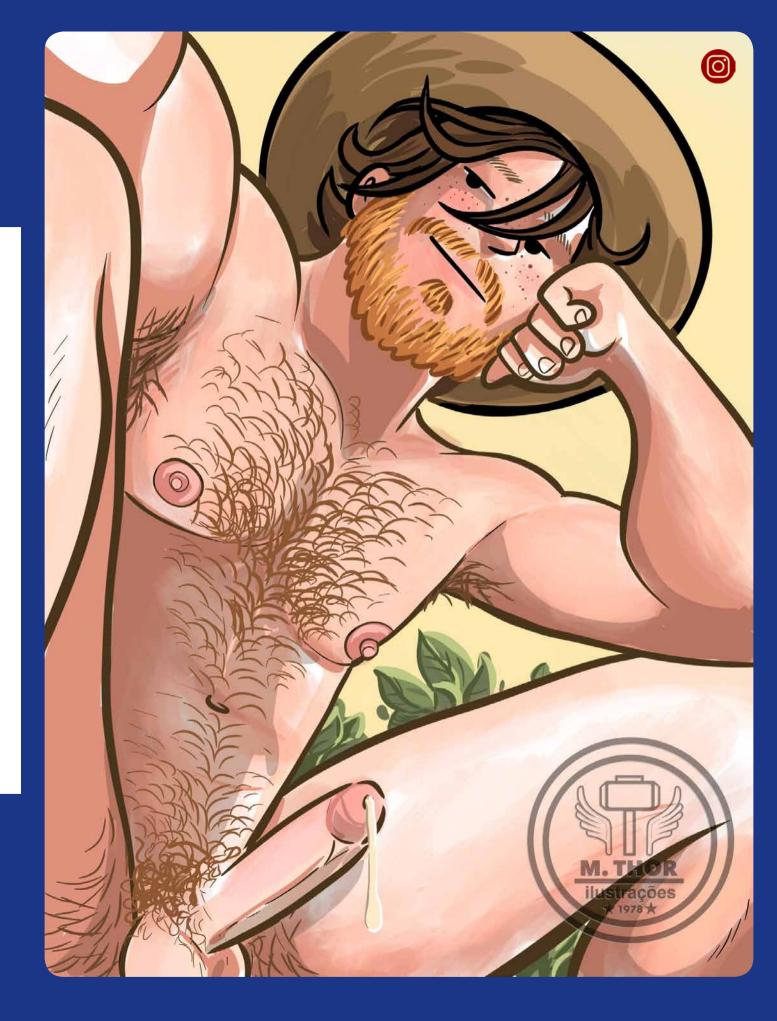


á era a sexta vez que Matheus, 18, aproveitava a ida da vizinha ao terço pra sentar no Marco, marido dela. Parrudo 40+, barriga dura e pelos do antebraço até o pescoço, da nuca até o rabo. Dedos grossos, unhas sujas. Mecânico que ostentava um bigode longo pra tentar disfarçar o dente que quebrou na goleira num futs com os parça. Matheus babava a calcinha só de lembrar o cheiro de suor seco do trabalho daquele macho que só arredava pro lado pra meter o rola curta e grossa no seu rabinho, estrangulando pela cinturinha. Daquela vez, não diferente, Theuzinha de cu pra cima escorado no encosto do sofá e o daddy socando de testa molhada. Foi quando a mão de Marco escorregou e esbarrou numa vara dura que batia contra o umbigo do putinho no balanço da estocada. Pela primeira vez aquele ursão pegava em outro pau, duro como rocha e maior que o dele. Na hora deu um susto no passivo que sorriu mostrando que gostou. Marco parou tudo e pediu: — Mete em mim? Quero saber como é... – e rápido assumiu a mesma posição da sua cadelinha. Pro Matheus não sobrou nada além da tarefa de enrabar o macho. Nem conseguia enxergar o cuzinho de tão grande era aquele rabo. Pôs pra fora arredando a parte da frente da calcinha e foi tateando com a cabeça da neca até encontrar a entrada. Cuspiu nos dedos, lubrificou e foi glande pra dentro de uma vez, de inexperiência ativa, fazendo o machão dar um pulo e gritar entre os dentes. Quando ameaçou recuar: — Não tira! Eu quero... – e assim Matheus adentrava seu macho a cada piscada daquele buraco. Matheus excitado com a visão daqueles montes peludos que eram as costas do bruto, o pau latejando reto a dentro sem bombar pra controlar o gozo. O macho já rebolava tímido pra fazer entrar mais. E nisso a jeba da Twink foi indo até o talo e quando Marco sentiu a renda da calcinha encostar nas pregas: — Aaaaaahhhhhhhh – esporrei sem tocar no pau! –, piscando loucamente aquele cu, que fez a bichinha afrouxar as pernas e se derreter enchendo o cu do putão. Marco escorando a cabeça na mata do antebraço recuperava o fôlego sem coragem de olhar pra trás. Matheus mais constrangido só socou o short no cu e saiu correndo pra casa. O silêncio se fez, mas terça feira que vem tem terço...















Ser desejado não significa ser aceito

Ser desejado não significa exatamente ser aceito porque nós somos seres sociais e não apenas sexuais. Internalizamos a visão de uma sociedade que lê pessoas LGBTQIAPN+ de forma deturpada, apenas pela ótica do sexo e alimentou-se dentro da nossa comunidade a ideia de que somente sendo desejados visualmente vamos obter aceitação dos nossos semelhantes.

Com o reforço constante dos mecanismos das redes sociais — em que homens musculosos aparecem entre os mais seguidos e curtidos —, confunde-se tesão e desejo com aceitação e validação. Claro que privilégios existem, isso é inegável, mas onde ou como se situa a enorme pluralidade de pessoas que não estão nesses pré-requisitos imagéticos (a maioria?)?

Vale questionar como estar fora dessa imposição de padrão de beleza impede o indivíduo de se divertir, ter amigos, interagir ou mesmo transar. Afinal, não é só sobre o outro. É sobre como cada um se sente consigo mesmo, o quanto se aceita ou se reprova, sobre quem ou o que se deseja intimamente e como lidar com rejeições e frustrações que são partes da vida.

As redes sociais não são lugares criados para nos sentirmos bem com nós mesmos. Constantemente estamos nos comparando com quem tem mais, com quem é mais popular. Se temos problemas de autoestima, de rejeição, de abandono ou traumas,

esses gatilhos são acionados por imagens de um outro idealizado numa fantasia de perfeição que seria alcançável a todos.

A fantasia de que ser considerado desejado resolve grande parte dos problemas é um artificio da sociedade de consumo que cria necessidades e manipula os sujeitos a se sentirem insatisfeitos com eles mesmos. Aqueles que vivem a sombra de serem desejados ficam mais atrelados apenas ao sexo e sofrem as consequências do consumismo afinal, o mercado quer lucrar, não importa quem seja o sujeito.

Não é apenas sobre o que os padrões de beleza

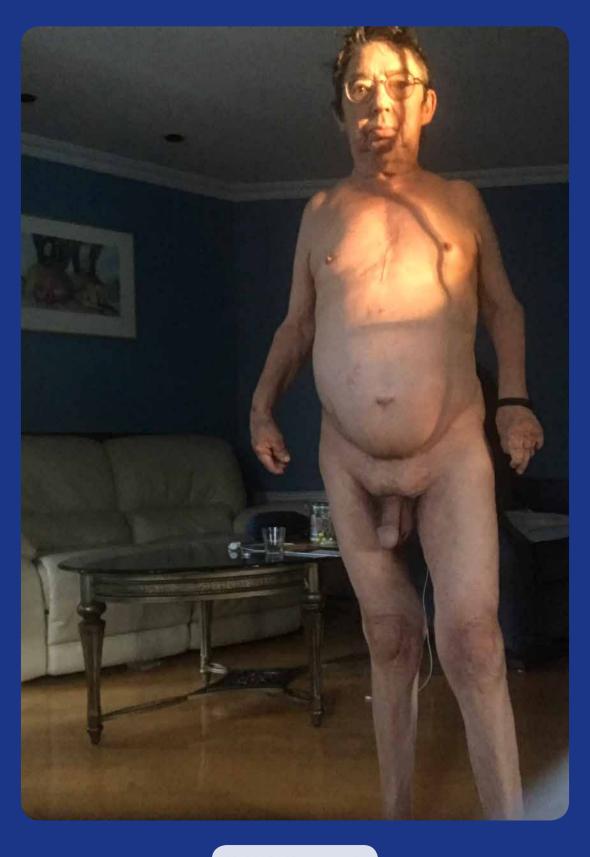
exigem das pessoas, mas sobre o que cada um faz com as exigências desses þadrões. Ficar bem na própria pele é desafiador numa sociedade que te ensina a não aceitar a si mesmo da maneira como se é. Não faz sentido não poder viver, curtir e se relacionar por não ser de determinada forma. Encontrar a si mesmo é questionar normas, crenças e modelos impostos sobre aceitação, prazer e felicidade. Isso vale para qualquer sujeito.

O ser humano é bem mais do que apenas erotismo e sexo.

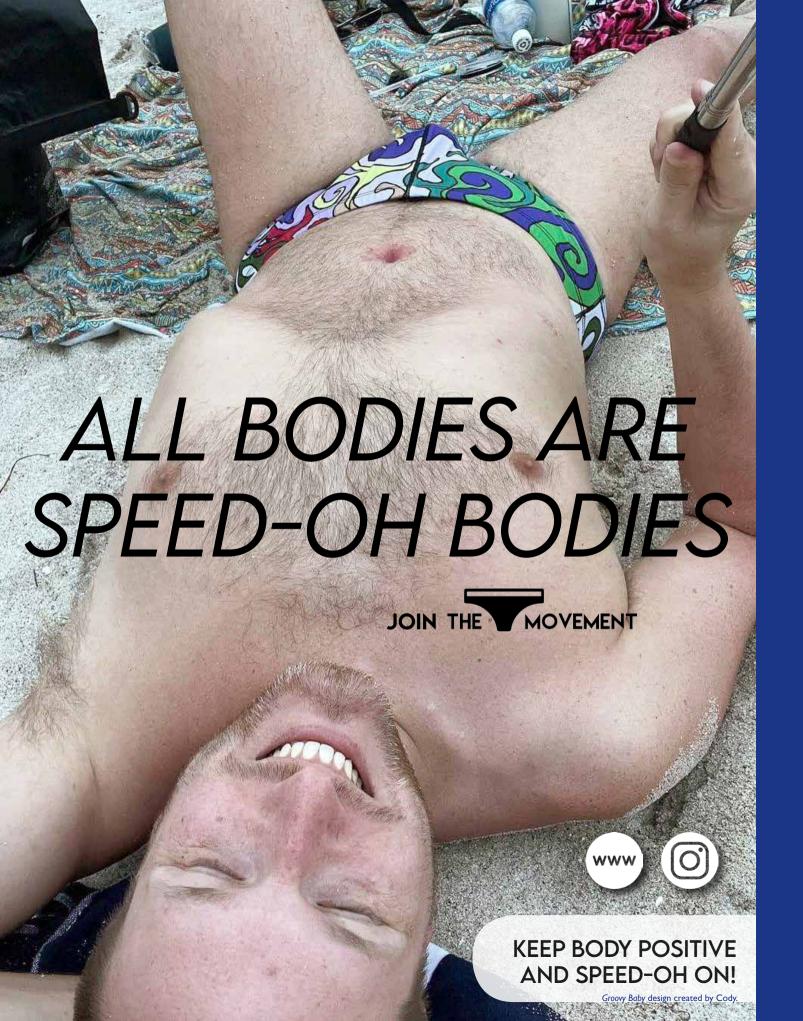


رت

moNUmento



Modelo: Paul (autorretrato).







ISSN 2675-018X falonart@gmail.com

















